

MAPEAMENTOS E CARTOGRAFIAS: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES (AS) SOBRE AS MASCULINIDADES PRODUZIDAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Marcelo Moraes e Silva¹
Maria Rita de Assis César²

Resumo

O presente texto apresenta os mapeamentos e as cartografias das percepções dos (as) professores (as) de Educação Física sobre as masculinidades produzidas nas aulas. Como recursos metodológicos são as noções de mapeamento e cartografia apresentadas por Suely Rolnik. A título de conclusão o artigo aponta que os (as) professores (as) percebem a existência de várias masculinidades presentes nas aulas.

Palavras-Chaves: gênero; masculinidades; Educação Física.

O mapeamento e a cartografia

O presente trabalho pretende estabelecer rotas para uma maior compreensão das percepções de professores (as) das séries finais do ensino fundamental sobre as masculinidades produzidas nas aulas de Educação Física. A escolha por docentes dessa disciplina escolar se dá por ser essa prática social um espaço altamente generificado, pois conforme aponta Altmann (1998) a Educação Física e o mundo dos esportes através de seus símbolos, códigos e normas reproduzem a lógica binária e dicotomizante de gênero. Nessa paisagem denominada Educação Física as masculinidades ganham um destaque especial, visto que essas diversas características generificadas se baseiam num modelo que tem o masculino como exemplo a ser seguido e reproduzido.

Entender a Educação Física enquanto terreno no qual são produzidas e reforçadas práticas generificantes, entretanto, não significa tomá-lo enquanto um espaço plano e linear. É preciso perceber seus relevos, contornos e irregularidades. E por esse motivo é que se utiliza nesse texto como recurso técnico a cartografia.

Ao olhar para um mapa de relevo consegue-se através das cores e legendas identificar o que é terra, o que é água, as matas, os picos e os vulcões. Contudo, é somente através da cartografia que se identifica os seus contornos e suas reais dimensões. Segundo Rolnik (2006), o mapeamento só cobre o visível, aquilo que é captável ao olho nu, ou seja, os denominados aspectos macros. Já a cartografia seria diferentemente do mapeamento, a inteligibilidade da paisagem em seus acidentes, suas mutações, ou seja, aqueles pontos ligados às questões micro, aquelas que acompanham as movimentações invisíveis e imprevisíveis.

Educação Física escolar e gênero: as masculinidades surgindo na paisagem

Na constituição histórica do denominado campo da Educação Física diversos discursos das ciências biológicas e naturais, produziram e ainda produzem normas de gênero. Aos membros do sexo masculino são exigidas características como força e coragem. Já as do sexo feminino são “convidadas” a participar desse mundo desde que não deixe de lado a beleza e a graciosidade, atributos relacionados a uma suposta “essência feminina”. Essas questões fazem parte da paisagem geográfica dos (as)

¹ Mestre em Educação Universidade Federal do Paraná (UFPR).

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

professores (as) participantes da pesquisa, pois ao serem interrogados sobre se entendem que a escola, a disciplina de Educação Física e as práticas esportivas, ajudam a produzir corpos masculinos e femininos, a maioria dos (as) docentes, respondeu que sim.

Segundo o professor Rodrigo, um dos (as) entrevistados (as) não é somente o espaço da aula de Educação Física que produz uma diferenciação entre os sexos, mas a própria estrutura escolar. No entanto, aponta este comportamento mais intenso nas aulas de Educação Física:

Rodrigo: Na educação física apareça de forma mais intensa isso. [...] Por causa da questão do esporte. Por exemplo, um atletismo que é uma competição, digamos que tem uma competição na escola que é individual, há prova masculina e feminina.

Alguns/algumas professores (as) complementaram essa questão da produção generificada nas aulas, relacionando-a com a postura do (a) docente:

Carlos: “Depende do encaminhamento das aulas pode reforçar mitos ou desmistificar conceitos historicamente elaborados. Em aulas de Futsal não oportunizar a prática das meninas ou aulas de dança somente para meninas”.

Cacilda: “Dependendo de como o professor orienta as suas aulas, ele pode reforçar os comportamentos masculinos e/ou femininos. Considero que a produção deles é a nível social amplo, que vem desde o início do processo de humanização (família)”.

Argumentos mais flexíveis também são percebidos quando os (as) docentes indicam as práticas corporais que consideram masculinas e femininas. Entre as masculinas, as mais citadas foram: lutas, futebol e basquete. Já entre as femininas, foram lembradas as ginásticas (rítmica, artística e localizada), a dança, futebol e o vôlei.

Pergunta: “Você marcou aqui o futebol e o basquete como práticas mais masculinas e a ginástica como mais [...]”.

Amaral: “Feminino. O vôlei também acho mais feminino”.

Pergunta: “Por que você acha isso?”.

Amaral: “Porque ali tem uma rede pra impedir contato. Eu acho que a mulher gosta do vôlei por causa disso. Eu acho que impede o contato, é um jogo que não se machucam. Eu vejo que as meninas gostam mais do vôlei que os meninos aqui na escola”.

Pergunta: “A ginástica você acha que é mais feminina por quê?”.

Amaral: “Eu como observador, eu gosto mais da ginástica feminina. Até na Olimpíada, no Pan-americano eu gosto mais da ginástica feminina. Nesse esporte elas levam vantagem. Não sei se a flexibilidade, ou a doçura do gesto. Fica mais bonito pra mulher”.

Pergunta: “Interessante que é um esporte de força”.

Amaral: “É um esporte de força. Mas eu acho que dentro da força elas conseguem mostrar a graciosidade. E o homem já é mais vigoroso. Você vê lá aquele brasileiro que foi campeão, até nos movimentos no ar ele é mais vigoroso. E o da mulher é mais bonito”.

Contudo, a professora Amanda afirmou que nas práticas esportivas ela não enxerga diferenças:

Pergunta: “Você colocou que não existe diferenciação entre práticas masculinas e femininas”.

Amanda: “Não existe. Eu tenho essa visão. Não existe. Você pode atuar em tudo. A única coisa que você não pode é sexual mesmo. Não pode fazer um filho numa outra mulher. Um homem não pode fazer um filho em outro homem. É só fisiológico mesmo”.

Quando perguntado sobre como ocorrem suas aulas, a maioria dos (as) docentes, afirmou que fazem constantemente ou em alguns momentos da aula uma separação por sexo. Fato que se deve a característica de determinados conteúdos, principalmente os ligados ao esporte:

Nicolas: “Em aulas de Futebol, eu separo as equipes por sexo”.

Raquel: “Exercícios onde a força física dos meninos pode provocar algum acidente com as meninas, como: arremesso no Handebol”.

Amaral: “Fundamentos dá pra ser junto. Trabalhar fundamentos, regras, agora quando é jogo em si tem que ser separado. Por causa do contato”.

Essas afirmações evidenciam uma intensa produção de masculinidades nas aulas, pois os (as) professores (as) percebem um comportamento mais agressivo dos meninos. Esse fato aproxima o esporte a um ritual de confirmação da virilidade contemporâneo, pois visam realizar a separação dos meninos das mães, assegurando com isso uma masculinização progressiva, que busca prepará-los para a vida adulta. A produção das masculinidades nas práticas esportivas ficou ainda mais evidenciada, quando vários (as) docentes afirmaram que a separação, em muitos casos, parte a pedido dos (as) próprios (as) alunos (as).

Amanda: “Ah, que a menina não sabe fazer as coisas. E o menino consegue tudo. Essa é a visão deles nas aulas. A menina não sabe. O menino sabe (...) As meninas porque elas não podem jogar junto porque os meninos jogam muito mais forte. Eles são mais agressivos do que as meninas. Então essa separação é mais a pedido deles.

Essa fala corrobora com as reflexões de Connell (2003), de que as práticas esportivas são uma das maiores produtoras das masculinidades hegemônicas, pois adjetivos como agressividade, competitividade e força física são atributos necessários a um atleta. Tanto que, em atividades que não possuem tais características, os (as) docentes encontram dificuldades na participação masculina:

Amanda: “Quando você dá aula com música, por exemplo, alguns movimentos que você faz e às vezes eles interpretam de outra forma. Pegar na mão é outra questão. Então você coloca você acaba explicando pra eles assim, - porque que vocês meninos se encostam tanto no recreio, ou numa aula? - E quando você quer fazer um círculo eles não querem pegar na mão. Eles não pensam sobre isso. Eles não têm esse conceito formado”.

Outros (as) professores (as), além de enfatizarem essa questão da violência e da agressividade, colocam outros elementos na discussão:

Janaína: “Os meninos são mais agressivos, violentos, tanto física como verbalmente, também são mais ativos e participativos. As meninas dão mais desculpas para não fazer nada”.

Monique: “Meninos são mais vigorosos, competitivos, racionais e rápidos. Meninas são mais lentas, afetivas e preguiçosas”.

O professor Joaquim, continuou nessa linha argumentativa, salientando que existe uma maior participação masculina nas aulas de Educação Física:

Joaquim: “No comportamento tem. Tanto que os meninos são um pouco mais desinibidos que as meninas. Então eles fazem a aula melhor, tem um rendimento melhor porque eles são mais desinibidos e tentam fazer o movimento. Até porque eles vivem mais na rua, eles têm uma coordenação maior, um deslocamento melhor. E as meninas hoje estão saindo um pouco mais pra rua, fazendo o esporte, participando mais das atividades. Então tenho várias meninas que são desinibidas. Tem um ou outro que não fazem aula. Então se pegar uma probabilidade de meninos que não fazem aula e meninas que não fazem aula, as meninas são maioria que não fazem aula. Dizem que não gostam, mas não explicam porque que não gostam”.

Tais pontos evidenciam a percepção de que a Educação Física e, principalmente a prática esportiva, contribui significativamente para a produção das masculinidades. Inclusive como *locus* no qual se estabelecem hierarquias para as diferentes masculinidades. Tanto que, segundo relato dos (as) próprios (as) professores (as), as atividades mais pedidas pelos (as) alunos (as) circulam em torno dos Jogos e dos Esportes, especialmente o Futebol. A cultura futebolística é uma das principais produtoras das masculinidades nas aulas.

Rodrigo: “A diferença é mais relacionada ao futebol (...) Eu percebo que a cultura do futebol é o que dirige o carro-chefe do machismo na escola”.

Amanda: “Isso vem de uma cultura de aula de educação física. A menina vai pular corda e o menino vai jogar bola (futebol). Então, quando o menino vai pular corda ele é tachado de outra forma”.

Entre as meninas, os (as) docentes afirmaram que os elementos mais solicitados são o vôlei e a dança, entretanto, esportes como basquete, handebol e futebol foram lembrados. Percepção que foi exposta, com clareza, por um dos entrevistados:

Amaral: “Não. Hoje eu vejo aqui no campeonato que eles pediram mais futsal e as meninas pediram mais handebol. Mas agora tem uma grande parte das meninas pedindo futsal. Então eu acho que as meninas começaram a gostar desses esportes, como o futsal”.

Pergunta: “Você nota diferença de quando começou a dar aula?”.

Amaral: “Ah, quando eu comecei a dar aula, há vinte anos, às meninas quase que não praticavam futebol. Não praticavam!”.

Pergunta: “Você nota hoje a diferença entre a participação das meninas no esporte de um modo geral?”.

Amaral: “Ah, era bem menor antigamente. Hoje tá bem maior a participação feminina nos esportes. Hoje elas gostam de competir com o masculino. Tem até time feminino aqui na escola que ganha de time masculino”.

Outro fator que reafirma a produção das masculinidades nas aulas de Educação Física são as adaptações que os (as) professores (as) fazem para que as aulas sejam mistas. Estas posturas pedagógicas acabam sendo, segundo lembra Altmann (1998), uma medida paliativa, ligada a um discurso “politicamente correto”, do que propriamente uma produção de elementos co-educativos. Justamente porque acabam

colocando a mulher num papel subalterno em relação a homem, (re) produzindo com isso, cada vez mais a diferença.

A idéia da supremacia masculina e da inferioridade feminina, mesmo com a intenção de não reafirmação desses estereótipos de gênero, também aparece nas falas dos (as) docentes:

Joaquim: “Questão de regras para que as meninas possam participar e ter motivação nas atividades”.

Carlos: “Em jogos mistos crio regras para que elas possam participar. Ex. Gol de menina vale 3, a bola deve tocar numa menina antes do gol/ponto”.

As respostas apresentadas pelos (as) docentes acabaram por levantar uma grande interrogação. Realizar ou não adaptações nas atividades? Às vezes as medidas co-educativas se tornam falaciosas e as aulas separadas por sexo, não são tão sexistas como aparentam. Nesse ponto, concorda-se com os argumentos levantados por Altmann (1998), de que as aulas de Educação Física não precisam ter um modelo pronto e acabado no que se refere à dicotomia misto/separado. Nesse sentido, as aulas mistas podem não ser favoráveis para quebrar as barreiras de gênero. Tudo depende dos tempos e espaços escolares. Nesse sentido, as soluções e os caminhos devem ser dados no cotidiano escolar, com os (as) alunos (as) e de acordo com as condições de possibilidade de cada instituição escolar, conforme aponta o professor Rodrigo:

Pergunta: “Existe separação entre meninos e meninas nas suas aulas?”.

Rodrigo: “Olha, às vezes existe. Na maioria das aulas isso não acontece, mas depende da turma. Eu tenho 7 turmas que eu trabalho, dentre as 7, quatro não tem esse problema e três, ou melhor, quatro apresentam esse problema e três não. Então, como eu faço planejamento coletivo, quando eu vou pra uma prática corporal em que as meninas não estão acostumadas a fazer por causa da cultura do machismo, enfim, eu tenho que convencê-las. E é nesse período de convencimento ainda há, existe a prática separada. Mas até eu mostrar, intervindo com os alunos mostrando que há a necessidade de trabalhar de forma mista. Então tem sim às vezes um período de adaptação até a gente conseguir fazer com que essa prática mude”.

Foi pensando na questão da diferença, que foi perguntado sobre a ocupação dos espaços. Quem tende a dominar os maiores e mais privilegiados espaços da quadra nas aulas? Cinco professoras e dois professores utilizaram de uma resposta que pode ser considerada discutível, pois indicaram que os (as) discentes esperam a sua ordem. Acredita-se que os (as) professores (as), não quiseram mostrar uma omissão, tomando uma posição “politicamente correta”, mas que, trata-se da falta de percepção de que existem diferenças nas micro-relações de poder, que acontecem na quadra durante as aulas. Outro grupo composto por cinco professores e três professoras, afirmaram que a tentativa de dominação dos espaços, ocorre com frequência. Esses dados estão de acordo com as afirmações de Scharagrodski (2006), de que a disciplina de Educação Física, com seus valores ligados a competição e ao mundo masculino, reservam os espaços centrais com seus jogos e embates aos meninos, e os cantos e a periferia do pátio para as meninas.

Outros (as) professores (as) salientaram que a dominação masculina ocorre, no entanto, algumas meninas também participam desse processo, rompendo e quebrando fronteiras de gênero durante as aulas, pois os homens e as mulheres não cumprem

sempre, nem literalmente, as prescrições atribuídas como adequadas para os sexos. Tais questões levaram a visualizar nas paisagens que os (as) professores (as) também percebem em suas aulas corpos que escapam as normas de gênero.

Corpos que escapam: mutações e variações nas paisagens das masculinidades

A presença dos corpos que fogem as normas estabelecidas ao universo masculino e feminino também foi detectada nas falas dos (as) sujeitos participantes da pesquisa. Essas questões começaram a se evidenciar quando foi perguntado se já precisaram resolver conflitos ligados ao gênero durante as aulas. Somente um professor afirmou que nunca realizou intervenção alguma. Todos (as) os (as) outros (as) indicaram que já precisaram intervir de nenhuma maneira, geralmente mediando conflitos gerados pela diferença de desempenho entre os meninos e as meninas ou quando algum deles insere-se em atividades consideradas inapropriadas para seu sexo.

Os conflitos de gênero visualizados pelos (as) professores (as) não se referem somente a dificuldade em transgredir as práticas corporais consideradas masculinas e femininas em prol de uma participação de todos nas aulas. Aqueles corpos que escapam a norma, principalmente masculinos, também são tidos como problemáticos:

Nicolas: “Menino que jogava vôlei e dançava e tinha um jeito afeminado. Era motivo de chacota dos colegas”.

Guilhermina: “Um aluno que se comportava como menina, se vestia, e nos momentos onde havia separação ele ficava no grupo feminino”.

No entanto, quando perguntado sobre um suposto preconceito sobre estes corpos, evidencia-se não somente a discriminação daqueles que fogem aos papéis sociais designados a seu sexo, mas a todos (as) aqueles (as) que não demonstram rendimento nas práticas corporais. Neste sentido, a *performance* ou a falta dela são balizadoras e contestadoras da masculinidade e feminilidade dos (as) alunos (as). Assim meninas que gostam de jogar futebol e meninos que participam das aulas de dança e de vôlei tem sua sexualidade heterossexual contestada.

A afinidade por determinada prática corporal não é o único parâmetro. Meninos “meigos” ou meninas “agressivas” também são capturados pela heterossexualidade. Segundo a professora Amanda, “*os meninos quando são mais meigos, mais corteses, eles são deixados de lado nas atividades pelos outros meninos.*” O interessante é que esta mesma professora afirma que existe uma maior tolerância à menina que não segue a norma de gênero, pois “*a menina que é muito mais agressiva, que é muito mais de se impor, os meninos excluem. Só que daí as meninas não excluem*”.

O professor Joaquim também percebeu que, os meninos que escapam as normas, são mais “cobrados” e exigidos pela matriz hetero, do que as meninas:

“Você vê que o aluno com comportamento um pouco mais afeminado ele ta sempre com um grupo de meninas. Já as meninas que tem uma forma assim masculina não se afastam do feminino. Isso é uma coisa interessante de se perceber. A menina não se afasta do grupo. E o menino, ele acaba se excluindo e fica mais com as meninas”.

Este posicionamento observado pelos (as) professores (as) retorna à centralidade que o rendimento e a *performance* para a prática esportiva, têm na aula de Educação Física. E como estes elementos estão associados à masculinidade hegemônica, pois os

meninos que não apresentam aptidão são excluídos e as meninas mais habilidosas, embora tenham sua heterossexualidade contestada, são aceitas no momento do jogo visto que apresentam as características exigidas para isso. Diferentemente dos meninos que “necessitam” a todo o momento estarem (re) afirmando sua masculinidade. Essas questões demonstram que os sujeitos pesquisados, percebem que outras formas de masculinidades não hegemônicas estão presentes nas paisagens das aulas de Educação Física. Segundo os (as) professores (as), esses pontos se evidenciam nos diversos tipos de xingamentos ocorridos nas aulas. Na maioria das vezes, os mais ofensivos estão relacionados às masculinidades, pois são oriundos dos meninos e para os meninos.

Os “xingamentos” mais lembrados pelos (as) docentes foram ligados à questão da heterossexualidade, pois palavras como ‘foda-se’, ‘pau no cú’, ‘viado’, e ‘caralho’ foram os mais citados. Palavras que sempre procuram duvidar da heterossexualidade dos meninos. As utilizações desses “palavrões” acabam por produzir masculinidades não hegemônicas, como também depreciam as meninas e/ou as colocam em posição subalterna em relação aos meninos. Nesse sentido, a masculinidade hegemônica não é construída somente em oposição à feminilidade, mas também em relação a outras formas de masculinidades. Segundo Connell (2003), a masculinidade *gay* é a masculinidade subordinada mais evidente, porém não é a única. Vários homens heterossexuais também são expulsos desse círculo. Esse processo é marcado por um vocabulário ofensivo, pois termos como ‘covarde’, ‘marica’, ‘viado’ e ‘filhinho da mamãe’ são freqüentemente utilizados para atacar simbolicamente outros homens.

Essas frases, principalmente aquelas ligadas às masculinidades não hegemônicas, se acentuam quando os meninos realizam determinados contatos corporais entre eles, que aguçam a manifestação de ações homofóbicas. Scharagrodski (2006) argumenta que é muito comum nas práticas esportivas, quando um treinador ou professor, pretende salientar a incompetência de algum menino, referir-se a ele com adjetivos femininos (“esse menino joga como uma menina”).

Acredita-se que o ideal da masculinidade visa se afastar tanto do feminino quanto da homossexualidade. Para ser “homem de verdade”, implica, não somente em não ser mulher, mas principalmente em não ser homossexual, ou mais precisamente em não ser “passivo” e “violado” nas relações sociais. Essas questões ficaram evidenciadas nos “palavrões” e xingamentos lembrados pelos (as) professores (as), pois termos como ‘viado’, ‘marica’, ‘boiola’ e ‘tomar no cú’ surgiram nas falas. Nesse ponto, a transgressão foi utilizada com o objetivo de reforçar a norma, que no caso específico desse trabalho, é robustecer uma masculinidade relacionada à heterossexualidade e estigmatizar as masculinidades que escapam das normas desta matriz.

É muito comum em culturas latinas, o entendimento de que os homens que tem a posição de “ativo” na relação sexual com outro, apesar de estarem simbolicamente inferiorizados a outros que se relacionam somente com mulheres, eles não rompem com a matriz hetero. O corpo que não importa, é aquele que é “violado”, que não tem o controle da situação, sendo a “mulher” da relação. Aquele que é dominado e inferiorizado por outro homem. Os xingamentos utilizados pelos meninos nas aulas acabam por ilustrar essas questões, pois se dirigem aos considerados “afeminados” e para aqueles com um desempenho motor inferior.

Nessas questões percebem-se como as práticas homofóbicas estão presentes nas aulas de Educação Física, pois as transgressões aos modelos hegemônicos de masculinidades são freqüentemente mencionadas. Acredita-se que tais atitudes acontecem pelo medo de ser humilhado publicamente por outros homens. Nesse

sentido, ações como essas são organizadas e geridas pelo discurso homofóbico, pois existe a necessidade de se “fazer” homem e, sobretudo, de se “manter” homem. Tais questões, conforme relato dos (as) próprios (as) docentes, acontecem freqüentemente nas aulas de Educação Física.

Considerações Finais

No início dessa operação geográfica imaginava-se que os (as) professores (as) apresentariam uma visão “tradicional” das questões de gênero. Estava-se certo, contudo, outras possibilidades surgiram nos espaços geográficos das aulas de Educação Física.

Essas mutações e variações das paisagens se mostraram mais evidentes quando se interrogou os (as) professores (as) sobre as questões de gênero. Vários (as) docentes caíam nas “armadilhas” do discurso normalizador, entretanto, em muitos momentos eles (as) tentavam fugir desse engendramento. Não eram sujeitos indiferentes e somente reprodutores das grandes normalizações. Em vários momentos eles (as) eram atravessados por outros discursos de gênero e visualizavam ser possível existir outras formas de serem homens e mulheres. Sendo assim, em diversos momentos percebeu-se o desejo de que se construíssem outras formas de masculinidades.

Foi a partir desses pontos que foi detectado nas falas dos (as) professores (as) questões que evidenciavam a presença de corpos que escapavam as normas de gênero, ou seja, de sujeitos que não se encaixavam nos padrões estabelecidos como ideais. Quando se detectou esses corpos que escorregavam notou-se também que ocorria uma sobreposição discursiva na fala dos (as) docentes, pois sentimentos de uma rejeição conviviam com o de aceitação e defesa desses sujeitos. Esses corpos masculinos que escapavam a norma sempre eram vistos como femininos e tinham sua sexualidade contestada pela matriz heterossexual.

Referências Bibliográficas

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1998. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

CONNELL, R. W. **Masculinidades**. México: UNAM-PUEG, 2003.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

SCHARAGRODSKY, P. A. Juntos pero no revueltos: la Educación Física mixta en clave de género. In: AISENSTEIN, Â.; SCHARAGRODSKY, P. A. (orgs.). **Trás las huellas de la Educación Física Escolar Argentina**. Cuerpo, género y pedagogia: 1880-1950. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006. p. 295-309.